

**DESCONSTRUÇÕES DA MÃE AZUL:
IDENTIDADE E ENUNCIÇÃO FEMININA EM DISSENSO EM POSTAGENS DO
FACEBOOK¹**

Angie Biondi
Igor Lucas Ries²

Resumo

Na contramão dos modelos instituídos ao lugar do feminino, as mulheres têm buscado romper molduras sócio históricas e normativas. Suas falas amplificam uma voz que expressa vivências e pensamentos criando micro resistências e dissensos sobre a condição feminina idealizada e exigida. Neste texto, analisamos como o rótulo *mãe azul* é usado como homenagem àquelas que cuidam de filhos com transtorno autista, mas, ao mesmo tempo que as posicionam no papel de cuidadoras, também lhes designam o lugar da abnegação e sacrifício da maternidade exemplar. Baseada na etnografia, examinamos postagens da página Lagarta Vira Pupa, no Facebook, entre janeiro e julho de 2017.

Palavras-chave: Identidade feminina. Enunicação. Dissenso. Autismo. Facebook.

Abstract

Contrary to the models established at the place of the feminine, women have sought to break through socio-historical and normative frameworks. Their speeches amplify a voice that expresses experiences and thoughts creating micro resistances and dissent about the idealized and required feminine condition. In this text, we analyze how the blue mother label is used as homage to those who care for children with autistic disorder, but, at the same time as positioning them as caregivers, they also designate the place of selflessness and sacrifice of exemplary motherhood. Based on ethnography, we examined posts from the Lagarta Vira Pupa page on Facebook between January and July 2017.

Keywords: Feminine identity. Enunciation. Dissent. Autism. Facebook.

Introdução

O sistema cultural e simbólico em torno de uma identidade feminina ainda hoje se estabelece a partir da diferenciação sexual de papéis, de modo a demarcar falas e referenciar

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Vínculo, coerção e resistência, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

²Angie Biondi. Doutora em Comunicação Social pela UFMG. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens da UTP. angiebiondina@gmail.com
Igor Ries. Mestre em Comunicação e Linguagens pela UTP. Professor da Faculdade Bagozzi. igorlucas18@gmail.com

normativamente a imagem aceitável e atribuída às mulheres baseada na sobreposição masculina e patriarcal consolidada há séculos. A figura feminina, quando fixada no papel de mãe, demonstra ainda mais o quanto sua existência socialmente aceitável, assim como seu valor moral, se ancoram no trabalho do cuidado e na responsabilidade pela geração e manutenção da prole. A figura da mulher como mãe cuidadora comparece marcada no imaginário ocidental de modo a evidenciar que a tarefa do cuidado seria inerente ao modo de ser feminino (Kittay, 1999; Gilligan, 1982; Emidio, 2011; Fineman, 1995).

Segundo Butler (2000), a constituição dos papéis sexuais depende de um processo de interiorização social de expectativas em torno de ideais aceitos e normalizados de masculinidade e feminilidade que se estabeleceu ao longo do tempo. Trata-se, portanto, de um processo de aprendizagem social dado em certo contexto histórico moderno e que se perpetua ainda hoje. Esta oposição dos papéis aproximou o homem como um ser da cultura, da produção de bens materiais e do poder público enquanto relegou à mulher como ser da natureza, da esfera privada e doméstica e do destino biológico da maternidade. Assim, a identidade feminina se definiu em termos do gerar e do cuidar. Mesmo com as mudanças promovidas ao longo do último século, a desconstrução da identidade feminina calcada na maternidade ainda é um ponto de difícil compreensão. Muitas mulheres indicam que ser mãe não é mais um imperativo social, mas quando optam pela maternidade, o vínculo e a valorização das necessidades do outro se sobrepõem e a posição de cuidadora reaparece intensamente no rol das demandas e expectativas, tanto de si mesma quanto do entorno.

De acordo com Gilligan (1982), a definição da identidade feminina é norteadada por um modelo padrão de responsabilidade. Segundo a autora, este modelo se baseia em um esquema moral binário que confere à mulher os valores de bondade e autossacrifício e aos homens, a autonomia e o desprendimento. A diferenciação destes valores morais trouxe implicações culturais e sociais ainda mais problemáticas por ampliar o fosso entre as identidades feminina e masculina quando o paradigma relacional, o vínculo, tomado como um valor moral feminino, poderia servir para fundamentar uma ética que não separa e classifica, mas que responsabiliza e cuida; ao que denomina de ética do cuidado.

Provocados por esta discussão busca-se, neste texto, problematizar até que ponto a identidade feminina materna, como sujeito exclusivo do cuidado, é observada em uma situação peculiar para com o filho, no caso do autismo, a partir de suas próprias falas analisadas em postagens publicadas através de sites de redes sociais, como o Facebook. Nota-

se que, na contramão dos modelos instituídos ao lugar feminino, as próprias mulheres têm buscado romper com uma série de molduras sócio históricas, normativas, e se antecipado à instituição da própria fala, ou seja, buscam formas de amplificar sua voz e expressar suas próprias vivências e pensamentos sobre a condição feminina da maternidade. Cada vez mais são as mulheres que enunciam suas vidas, histórias e experiências a fim de projetar a sua voz. Não raro, o espaço digital das redes sociais tem sido usado como uma fonte importante de observação destes exemplos recentes. Todos os dias, circulam na internet, através de sites de redes sociais, desabafos, pedidos de apoio, histórias de vida, relatos de todo o tipo produzidos e compartilhados.

Estas ferramentas tecnológicas que constituem um espaço de fala, sem dúvida, evidenciam modos de interação diferentes daquelas off-line, mas oferecem indicativos importantes para compreender como tais postagens projetam certa visibilidade e constituem a enunciação das mulheres que aqui comparecem. Sites de redes sociais compreendem um tipo de espaço construído pelas tecnologias, mas também um tipo de público ou coletivo que emerge destas apropriações (Recuero et al., 2015). Assim, conforme os autores, este texto refere-se apenas aos espaços de enunciação propiciados pelos recursos tecnológicos, os sites de redes sociais, como o Facebook.

Neste contexto, busca-se compreender como se processam certos movimentos opostos a estas construções acerca da figura feminina materna e instituída que tem se expressado através de posts observados no Facebook. Questiona-se como estas práticas comunicacionais, via redes sociais, tm sido acionadas pelas próprias mulheres de modo a possibilitar falas que buscam a desconstrução do modelo bem demarcado da figura conjugada mulher-mãe. A partir do estudo de caso realizado na pesquisa destacam-se, neste texto, os relatos-postagens de mães de crianças portadoras do autismo. Durante os meses de acompanhamento das postagens, entre janeiro e julho de 2017, foram observados 494 posts da página do Facebook Lagarta Vira Pupa. Nela, as mães de crianças autistas escrevem suas próprias histórias e reavaliam, criticamente, como a tarefa feminina atribuída à maternidade – sob a condição exclusivamente de cuidadora, benevolente, sempre disposta ao sacrifício silencioso e irreprochável – é incompatível com a experiência em sua realidade material e de interações cotidianas.

A abordagem etnográfica para a análise de postagens das mães azuis no Facebook

Com a intensificação dos estudos no campo da medicina e a ampliação do transtorno para um espectro maior compreende-se que o TEA (Transtorno do Espectro Autista) abriga vários níveis de dificuldades de desenvolvimento na pauta autística (Kanner, 1943). Isso elevou a quantidade de diagnósticos e o fomento de discussões em grupos de pessoas que convivem com indivíduos incluídos no espectro. Entendido como uma condição do desenvolvimento neurológico, o TEA é caracterizado por uma alteração da comunicação do indivíduo em sociedade e pela presença de comportamentos repetitivos. Segundo estimativas do CDC (Center of Diseases Control and Prevention), nos Estados Unidos, tem-se um caso de autismo para cada 68 pessoas (1,47%) no mundo³. No entanto, estes números aumentam a medida que as metodologias ficam mais precisas e os diagnósticos tornam-se mais precoces.

Aliado à realidade dos diagnósticos surgem também mais buscas por informação, apoio e troca de experiências entre diversos grupos sociais. Médicos, psicólogos, profissionais de saúde e da área jurídica, além de familiares, pais e amigos de pessoas com autismo ampliam seus contatos e formam uma espécie de ampla rede, tanto discursiva quanto socio-afetiva, em torno do tema e suas vivências para que seja melhor identificado e reconhecido. Neste contexto de múltiplas falas é possível notar que familiares próximos de crianças com autismo têm buscado modificar a imagem comum sobre o transtorno através da intensificação do uso dos dispositivos tecnológicos e comunicacionais. São sobretudo mães de crianças autistas que mobilizam grande parte dos grupos que se constituem pelos sites de redes sociais, como o Facebook, no intuito de difundir informações, mas principalmente compreender melhor sua própria realidade no exercício da troca de experiências, além de expressar suas vivências cotidianas como mães de crianças que carecem de cuidados especiais. Identifica-se que são as mães que têm promovido formas interacionais, trocas de apoio, narrativas testemunhais, além de reivindicações diversas, antes destinadas apenas aos grupos presenciais de ajuda médica e ao convívio familiar mais próximo.

Assim, a pesquisa se aproxima das falas de mulheres mães sob o aporte da abordagem da etnografia virtual (Hine, 2004, 2015), de modo a valorizar a prática da observação não participante e coletar as informações partilhadas por diferentes perfis de grupos que utilizam o Facebook. Segundo Hine, o uso cotidiano transpõe as discussões sobre a tecnologia em si em

³ Junior, P (2014). Casos de autismo sobem para 1 a cada 68 crianças. In: Revista Autismo. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/noticias/casos-de-autismo-sobem-para-1-a-cada-68-criancas>> Publicado em 28 mar. 2014. Acesso em: 5 jul. 2016

favor das práticas de sociabilidade. De acordo com esta perspectiva, não são os aparatos tecnológicos os responsáveis por impactos nas vidas das pessoas ou dos grupos que convivem com o autismo. Em vez disso, são os aspectos decorrentes da relação destes sujeitos com a tecnologia que precisam ser considerados.

Interessam as atitudes que envolvem o uso do Facebook, como pode contribuir para a compreensão daqueles que vivem e falam em nome do autismo em seu cotidiano. A abordagem qualitativa observa um tipo especial de documento de análise no qual a experiência pessoal se entrelaça à compreensão ativa de um contexto tecnológico e comunicacional, no qual estão diluídos os antagonismos canônicos que demarcavam as distinções entre a subjetividade de um relato individual e objetividade da vida social. Christine Hine tem sido uma das pesquisadoras a considerar esta perspectiva profícua para a análise das práticas sociais e culturais em um contexto como o da internet enfatizando, sobretudo, suas formas e usos cotidianos. A recém chamada etnografia virtual parece compreender uma abordagem metodológica adequada para delimitação de um campo de observação e coleta de materiais afins que se desenvolve na pesquisa, na medida em que respeita a densidade descritiva e interpretativa envolvida tanto no fenômeno quanto no trabalho de análise, mas principalmente, porque ressalta a dimensão complexa do processamento e cotejo das informações neste ambiente constantemente modificado.

Deste modo, a abordagem enseja uma visão de contiguidade e não de sobreposição ou determinismo entre tecnologia e sociedade como um aspecto basilar de pesquisa. Este ponto que se colocaria como um problema de demarcação ou limite metodológico (dos contextos on-line e off-line) para os adeptos de uma perspectiva tradicionalista, na proposta de Hine, é justamente o que se configura como renovação epistemológica que favorece uma investigação interdisciplinar em um campo fluido e poroso como a internet (Hine, 2004). O trabalho de campo se traduz em uma pesquisa que busca observar, acompanhar, documentar (salvar arquivos, mensagens transcritas, printscreens de postagens), questionar (usar o diário de anotações) e analisar descritivamente o material coletado. Para isso, foi realizada uma seleção e coleta dos materiais empíricos de modo que não se descolassem do seu contexto de compartilhamento. Daí porque foi importante associar textos e imagens que compunham as postagens como primeira etapa em exame.

Para o recorte do material empírico foi selecionado apenas um dos sites de redes sociais, o Facebook, onde se encontra a página Lagarta Vira pupa, para compor o estudo de caso trazido como exemplar. As etapas da pesquisa compreenderam:

- a) o desenho dos mapas descritivos (social, espacial e temporal) da página;
- b) a coleta e estruturação dos dados;
- c) a análise dos dados;
- d) os registros etnográficos que compõem o material interpretativo.

O recorte temporal foi marcado entre janeiro e julho de 2017, definido por ser o maior período possível de observação durante o tempo disponibilizado para a análise e documentação da pesquisa. Para a primeira etapa do registro das análises, de caráter quantitativo, foi utilizada a ferramenta Netvizz⁴ que, ao término do período, auxiliou na coleta dos dados brutos da página observada e permitiu o desenho dos mapas descritivos.

A partir das informações foi possível estudar e analisar os dados para a elaboração das tabelas: propriedades dos ambientes digitais pesquisados, números de seguidores, tipos de publicações, estatísticas de publicações e interações e as publicações de maior engajamento. Ao final, foi realizada a estruturação e análise dos dados qualitativos (conteúdos discursivos, postagens e publicações, relatos e testemunhos, pesquisas) de cunho descritivo-interpretativo da página com a indicação dos temas mais recorrentes nas postagens; em particular, observa-se as falas das mães azuis.

Desconstruções da mãe azul em relatos-postagens no Facebook

A página Lagarta Vira Pupa foi criada em 2012, por Andréa Werner Bonoli, jornalista e mãe do garoto Theo. Apresentada como diário de uma mãe com seu garotinho autista, a página obteve grande alcance de público. Conforme a página, a finalidade deste espaço era possibilitar a partilha e troca de experiências, os testemunhos vivenciados com os tratamentos, a evolução do garoto e os desafios que mãe e filho enfrentam em seu cotidiano.

⁴ A Netvizz (<https://apps.facebook.com/netvizz/>) é uma ferramenta desenvolvida por Bernard Rieder para apoiar pesquisas acadêmicas no contexto do DMI – Digital Methods Initiative – também para fins etnográficos. Sua função é coletar diferentes tipos de dados do Facebook, sobretudo de Páginas, Grupos e Eventos (Ibpad, 2017). Ibpad. Etnografia em Mídias Sociais – 2ª Ed. – Netvizz – Parte 1 - Disponível em <http://www.ibpad.com.br/aula/netvizz-parte-1/>. Extraído em 20 de julho de 2017.

Os conteúdos publicados por Andréa Werner são hospedados também no website LagartaViraPupa.com.br. Até o dia da coleta de dados, somente o perfil no Facebook registrava mais de 78 mil seguidores; usuários da rede que optam por seguir e receber as notificações de todas as atualizações. No Instagram, as publicações seguem a mesma diretriz do Facebook quanto à valorização da maternidade e o destaque da figura feminina no auxílio aos avanços de aprendizado da criança.

As postagens são direcionadas, de modo especial, para as mães. Entre os relatos de suas vivências é possível notar a variedade de temas que Andréa lança mão para ilustrar como sua atuação é importante para cada avanço do garoto, para a resposta aos novos métodos, para a indicação das alternativas de aprendizado encontradas, entre outros, todas organizadas e detalhadas em uma coluna especial intitulada Nossa Vida. Outras informações de caráter mais geral somam-se a este espaço e Andréa posta dicas de rotinas, dados técnicos sobre o autismo, indicações de médicos, escolas e afins. O website LagartaViraPupa.com.br armazena e categoriza toda a produção realizada por Andréa. Fotos e vídeos também são recursos bastante usados, afinal, facilitam a produção das narrativas testemunhais da página.

Tabela 1 - Tipos de Publicações – Página Lagarta Vira Pupa (Facebook)

Tipo	Quantidade
Link	272
Fotos	129
Vídeos	62
Status	25
Eventos	6
Total	494

Durante os meses de observação, a página trouxe 494 postagens que representam uma rotina média, semanal, de 17 publicações. A movimentação e atualização da página são constantes, com 2,4 posts diários. Foi possível verificar que, por conta do conteúdo das postagens apresentar forte teor testemunhal prevalecem as interações como curtidas, reações indicativas de emoções e comentários, típico do que caracteriza a existência de laços sociais dialógicos, conforme identifica Recuero (2014).

Para além de toda a mobilização de Andréa, observa-se que, dentre os posts que circulam no Facebook, um tema, em especial, ocupa uma preocupação peculiar: os olhares punitivos e as opiniões pouco compreensivas e estereotipadas, manifestadas em certas

situações vividas entre mãe e filho no espaço público. Estes fatos parecem ser muito frequentes e causam incômodos que funcionam como uma espécie de ativadores das quebras de protocolo que se espera de uma mãe adequada (fig. 1).



Figura 1

Fonte: Facebook/LagartaViraPupa. Muitos dedos apontados. Disponível em: < <https://www.facebook.com/318599444843529/posts/1244329702270494>> Publicado em 16 jan. 2017. Extraído em 15 jul. 2017.

São posts como estes que geram inúmeros comentários que motivam a atualização das experiências em outras mulheres que relatam, de volta, seus fatos vividos nos mesmos contextos. Aqui emerge também a valorização das reações solidárias próprias à condição de quem convive com o autismo e que encontra, pela troca de postagens e comentários, o encorajamento à atitude positiva de uma mãe real em detrimento das posturas e atitudes esperadas na idealização de mãe azul. Indica-se que o discurso predominante das postagens se remete às críticas e expectativas sociais acerca dos comportamentos considerados normais e que, quando as crianças com autismo promovem atitudes consideradas inadequadas ou estranhas, a mãe é a personagem-alvo dos olhares punitivos e de censura, pois se atribui a ela a absoluta responsabilidade pela conduta dos filhos. Portanto, é preciso destacar que estas perspectivas são culturais, eivadas de valores morais e, por isso nota-se que as publicações tentam reverter essa ordem, de modo a encorajar aquelas mães que vivenciam as mesmas

dificuldades a se reconhecerem nas situações e fortalecerem suas posturas como mulheres através destes novos laços interativos e de trocas que se formam.

Em outro post, em maio, no dia das mães, Andréa publica um vídeo que tenta romper com a falsa ideia de que as mães de crianças com autismo são sempre guerreiras incansáveis, que jamais perdem a paciência e que abdicam de toda a sua vida em favor do filho. Ela se opõe à carga que as obrigações deste contexto exige quando as suas preferências pessoais são suprimidas pelas atitudes e cuidados necessários, demandados pela deficiência do filho (fig. 2).



Figura 2

Fonte: Facebook/LagartaViraPupa. Mãezinha azul. Disponível em: < <https://www.facebook.com/318599444843529/posts/1354909351212528>> Publicado em 12 mai. 2017. Extraído em 15 jul. 2017.

É possível notar que suas postagens exploram as dificuldades das mulheres, que são mães de crianças com autismo, a partir do seu cotidiano. Ela revela quais os motivos que justificam a falta de paciência, o cansaço, a necessidade de apoio de quem observa os comportamentos inconvenientes da criança e, desta forma, dá voz aos sentimentos de tantas mulheres que se sentem cansadas com o peso do rótulo “mãe azul”. Vale ressaltar aqui que este escrito tornou-se um dos posts com maior engajamento do período de observação.

Ainda neste propósito, em tom de esclarecimento e como demonstração de cansaço por ser alvo dos mesmos tipos de comentários padronizados relacionados ao papel da mulher que é mãe de crianças especiais, ela elenca as 10 coisas que uma mãe de autista gostaria que

sua amiga soubesse (fig. 3). Desta forma, tenta minimizar a carga de responsabilidades imposta às mulheres responsáveis por crianças com alguma necessidade especial, a fim de diminuir os elementos de linguagem estigmatizadores.

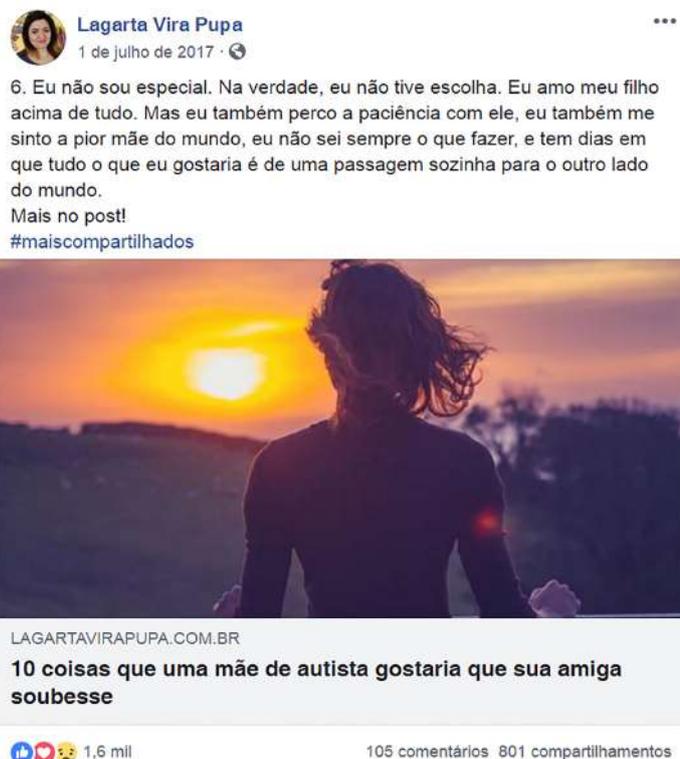


Figura 3

Fonte: Facebook/LagartaViraPupa. 10 coisas importantes. Disponível em: < <https://www.facebook.com/318599444843529/posts/1404502639586532>> Publicado em 01 jul. 2017. Extraído em 15 jul. 2017.

As postagens assumem um tom não apenas complacente, mas por vezes pedagógico, pois pautadas pela posição legítima que, a esta altura, reafirma a fala de uma mulher tanto experiente quanto consciente de seu lugar. Em retrospecto, é possível notar, a partir destes relatos-postagens, que Andréa elabora um posicionamento de fala que busca certa autonomia e afirmação para além da maternidade enfatizando, portanto, o protagonismo da figura feminina na relação do cuidado, como visto em Gilligan (1982), porém em experimentação constante de deslocamentos, tensões, rupturas, e não como uma identidade inerente à mulher. Deste modo, não apenas a mãe comparece em perspectiva neste contexto, mas se desloca e transita entre os lugares de mulher, conselheira, especialista e testemunha perante as outras.

Rago (2013) define os relatos de si como uma prática emancipatória, no sentido de que os sujeitos que relatam sua experiência a um interlocutor se reinventam, costuram sua subjetividade a outras trajetórias, identificam conflitos, frustrações e vitórias utilizando a

narrativa (o relato oral ou escrito) como espécie de ferramenta política. Assim, relatar-se é uma experiência intensa, miúda e constante de construção e identificação de outros modos de ser, pensar, agir e existir em prol da autonomia e emancipação, sobretudo quando se refere às mulheres em desconstrução do universo simbólico da maternidade como devoção ou sacrifício.

Vale a pena ressaltar que a mulher, no papel da cuidadora exemplar, não se restringe ao âmbito familiar, mas comparece com intensidade nas cobranças cotidianas e juízos de valor de uma sociedade que qualifica como boa mãe aquela que sempre atende às necessidades do outro com paciência e abnegação. Curioso notar que este papel é sempre demandado à mulher já que a figura masculina, o pai, quase nunca comparece ou se apresenta neste contexto. Mesmo nos posts de Andréa dificilmente há menções sobre a participação mais efetiva do pai do garoto. Assim, promove-se uma espécie de ciclo, onde se institucionaliza a tarefa do cuidado executada pela mãe, mas que, não obstante, a invisibiliza e desvaloriza seus esforços em uma missão que nunca se cumpre satisfatoriamente aos olhos da sociedade. Neste caso, nem mesmo a própria Andréa parece reivindicar o cuidado como dimensão da responsabilidade também paterna. O cuidado, mesmo compartilhado entre uma rede de solidariedade, é quase sempre formado por outras mulheres.

Aqui, compreende-se que a leitura de Gilligan (1982) acerca do desenvolvimento moral masculino e feminino constituiu uma tentativa de reduzir a compreensão e importância do vínculo, do valor relacional – atribuído ao âmbito feminino, como uma outra voz, voz diferente – em prol dos estereótipos de gênero vigentes na sociedade patriarcal. O consolo para tantos receios em seus escritos que, aos poucos, desconstroem inúmeros estigmas em torno da imagem da mãe azul vem da condição de quem está em movimento, em revista, ou seja, disposta sempre a tentar e a encontrar as pistas sobre o que pode, em cada caso, funcionar. Andréa, em nenhum momento, se coloca como a especialista da realidade que enfrenta, mas, se desfaz constantemente do lugar de mãe para reforçar o de mulher que vive novas experiências e desafios tanto com o filho quanto para si mesma. Daí porque seus posts concentram um teor testemunhal e funcionam como breves relatos.

Uma das dimensões da autonomia, segundo Rago (2013), consiste em mostrar que o indivíduo age como sujeito político quando é capaz de negociar com os outros as condições de sua existência. A autora destaca que a capacidade de construir e conduzir a própria história não é algo que se conquista isoladamente. A autonomia não está relacionada ao

individualismo ou à auto suficiência, nem pode ser pensada de maneira descolada de aspectos culturais e de socialização. Ao invés disso, sua construção é intersubjetiva e exige que pense sobre: a) relações de poder; b) elementos ligados a valores, práticas e modos de subjetivação; c) experiência; d) competências comunicativas originadas nas redes interativas que as pessoas estabelecem umas com as outras.

A colocação em perspectiva destas posições morais baseadas da identidade de gênero da mulher como mãe cuidadora, a mãe azul, poderia auxiliar a sair do enclausuramento das oposições. Deste modo, a tensão dos limites entre experiência pessoal e olhar público colocada pelas postagens fortaleceria o argumento de uma atitude reveladora que é reforçada pelas formas de enunciação que a mulher encontra hoje e que adensa o que é suposto ser verdadeiro pelas formas da apresentação imediata e direta como seu franco valor.

Considerações Finais

As postagens produzidas e compartilhadas são formas de relatos on-line em dissenso que adquirem relevância justamente por sua heterogeneidade constitutiva. Não há separação ou limites bem contornados entre o trabalho da escrita e a vida experimentada de todos os dias. Deste modo, as mulheres buscam tecer outra história aquelas que outrora lhes identificaram como as mães azuis. Neste texto, buscou-se apresentar apenas uma parte da observação descritiva do material de pesquisa a fim de notar, através do estudo de caso, como a atuação de uma mulher, mãe de criança autista, se expandiu para outras frentes de modo a deslocar a figura feminina do tradicional lugar identitário de mãe exemplar, a chamada mãe azul. Além de relatar seu cotidiano com o filho autista, verificou-se que Andréa assumiu uma posição de destaque como porta-voz para outras mulheres que vivenciam experiências similares e, assim, ela ampliou a interação em uma rede socio-afetiva, com base nas interrogações feitas a si mesma, sua atuação como mulher e como mãe.

A utilização de um espaço como o Facebook permitiu observar como o uso de um dispositivo tecnológico e comunicacional foi manejado pela própria Andréa como espaço de enunciação. Através do material das postagens foi possível observar que os sites de redes sociais são hoje uma etapa importante na busca promovida pelas mulheres e mães que convivem com o autismo, pois as comunidades virtuais criadas em torno de suas vivências podem funcionar como forma de aproximação destas falas. Estes posts permitem observar

como ocorre a exposições destas mulheres, como negociam seus escritos para construir sua visibilidade e popularidade, bem como também certo nível de reputação e autoridade sobre os demais discursos que fixam identidades.

As mulheres mães que recorrem e atuam neste ambiente de rede buscam ampliar, através deste espaço digital, suas vozes, histórias e experiências. Estas reconstruções individuais e personalizadas foram percebidas em páginas sobre o autismo através de elementos que expressam a causa destas mulheres buscarem ser vistas como atores sociais de fato e estarem ali, cotidianamente. As narrativas de suas experiências, seus textos e fotografias, a publicação de informações sobre tratamentos ou manifestações a favor da conscientização, o vínculo com outras mulheres, grupos ou páginas que estão apresentadas na sua rede, tudo isso reforça o interesse em se afirmar como sujeito autônomo, sujeito de fala, por sua própria voz (Gilligan, 1982). Afinal, suas histórias podem ser contadas e suas produções compartilhadas, no intuito de garantir um espaço de fala e, portanto, também das suas demandas por atenção, reivindicações, apelos e desconstruções.

Referências

- Biroli, F. (2013). Autonomia, opressão e identidades: a resignificação da experiência na teoria política feminista. *Revista Estudos Feministas*, 21, 81-105.
- Butler, J. (2000). *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo* In Louro, G. L. (Ed.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp.151-172). Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2015). *Relatar a si mesmo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- D'antino, M. & Vinic, A. (2011). *Representação cinematográfica dos Transtornos do Espectro do Autismo*. São Paulo: Memmon.
- Emidio, T. (2011). *Diálogos entre feminilidade e maternidade*. São Paulo: UNESP.
- Fineman, M. (1995). Masking dependency: the political role of family rhetoric. *Virginia Law Review*, 81, 2181-2215.
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice: Psychological theory and women's development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Hine, C. (2004). *Etnografia virtual*. Barcelona: Editorial UOC.
- Hine, C. (2015). *Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday*. London: Bloomsbury Academic.

- Kanner, L. (1943). Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*. Retirado de <http://simonsfoundation.s3.amazonaws.com/share/071207-leo-kanner-autistic-affective-contact.pdf>, em abril de 2016.
- Kittay, E. (1999). *Love's Labor. Essays on women, equality and dependency*. New York: Routledge.
- Pedreira, C. (2008). Sobre mulheres e mães: uma aproximação à teoria do cuidado. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 8, Florianópolis.
- Rago, M. (2013). *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora Unicamp.
- Recuero, R. (2014). *Redes sociais na internet. Coleção Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.
- Recuero, R., Bastos, M. & Zago, G. (2015). *Análise de redes sociais para mídia social*. Porto Alegre: Sulina.
- Recuero, R., Fragoso, S. & Amaral, A. (2013). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Rocha-Coutinho, M.L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.